

AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS INSTITUCIONALIZADOS SOBRE INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS NA CIDADE DE PELOTAS/RS

Carolina Costa Machado¹ e Natalia Naoumova²

Resumo

O envelhecimento populacional, fenômeno observado mundialmente, traz consigo preocupações relacionadas aos ambientes de moradia. Nesse cenário, as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI's) representam uma importante alternativa de habitação para essa faixa etária. Assim, o problema deste artigo centra-se na carência de estudos teóricos e empíricos, com informações quanto aos aspectos subjetivos do ambiente. Buscou-se compreender os desejos dos idosos institucionalizados a respeito de sua moradia, a partir da percepção de três grupos de usuários na cidade de Pelotas / RS, Brasil. O trabalho tem suporte no modelo teórico Visão Transacional das Pessoas Idosas em Seus Ambientes, da Gerontologia Ambiental, que leva em consideração a história de vida dos idosos e relaciona o bem-estar na velhice a dois processos integrados: pertencimento e agência. Os resultados apontam para uma necessidade de maior participação dos idosos, um certo grau de conformismo e uma baixa sensação de pertencimento.

Palavras-chave: gerontologia ambiental, percepção, envelhecimento, avaliação pós ocupação, instituição de longa permanência para idosos.

PERCEPTION EVALUATION OF INSTITUTIONALIZED USERS ABOUT LONG-TERM CARE INSTITUTIONS FOR THE ELDERLY IN THE CITY OF PELOTAS/RS

Abstract

The ageing population, a worldwide phenomenon, raises concerns related to housing environments. In this scenario, Long Term-care Institutions for the Elderly (LTCI's) represent an important housing alternative for this age group. Therefore, the problem of this article is focused on the lack of theoretical and empirical studies, with information on the subjective aspects of the environment. It was sought to understand the wishes of institutionalized elderly about their houses, from the perception of three groups of users in the city of Pelotas / RS, Brazil. The research is supported by the theoretical model Transactional Vision of Elderly People in Their Environments, from Environmental Gerontology, which takes into account the life history of the elderly and relates well-being in old age to two integrated processes: belonging and agency. The results reveal a need for increased participation of the elderly, a certain degree of conformity and a low sense of belonging.

¹ Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Mestrado já concluído.

² Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Docente.

Key-words: environmental gerontology, perception, aging, post-occupation evaluation, long term-care institutions for the elderly.

Introdução

O envelhecimento populacional revela-se um fenômeno observado mundialmente, resultante de um considerável aumento na expectativa de vida e de uma significativa queda na natalidade.

No Brasil, durante muito tempo considerado como um país de jovens, apenas neste século percebeu-se tanto o aumento do número de pessoas idosas, quanto da longevidade média, fatores causadores do fenômeno conhecido como “transição demográfica”, responsável pelas profundas alterações nas pirâmides etárias (JUNIOR, 2009). O país tem mais de 28 milhões de pessoas nessa faixa etária, número que representa 13% da sua população. E esse percentual tende a dobrar nas próximas décadas, segundo a Projeção da População, divulgada em 2018 pelo IBGE (PERISSÉ, MARLI, 2019).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a porcentagem de idosos no mundo e no Brasil será de 22% e 30% respectivamente, sendo que, em 2010, essas porcentagens se equivaliam em 11%. Verifica-se, portanto, que, comparando as projeções do aumento da população idosa nacional e mundial, o Brasil aponta uma média de crescimento mais acelerado do que a mundial (OMS, 2015).

Em paralelo com essas alterações demográficas, ocorrem outros processos ligados à mudanças no comportamento da população e ao estilo de vida. A entrada da mulher no mercado de trabalho, tornando o cuidado com os idosos na própria moradia ainda mais difícil, é um desses acontecimentos (GAZZOLA, 2013). Destes fatos decorrem preocupações relacionadas aos ambientes de moradia, visando torná-los mais adequados às necessidades dos idosos tanto física como psicologicamente. As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI's) representam uma importante alternativa de habitação para essa faixa etária. Apesar desse entendimento, as legislações vigentes que regulamentam as ILPI's, Resolução da Diretoria Colegiada nº 283 (ANVISA, 2005) e Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), enfatizam os aspectos físicos, como acessibilidade e abordam de forma superficial os aspectos subjetivos.

Nessa área existe uma carência de estudos teóricos e empíricos, com informações quanto aos aspectos subjetivos do ambiente, de forma que esses locais se tornem mais humanizados e estimulem, assim, o senso de identidade e familiaridade desses cidadãos com sua moradia (OLIVEIRA, PASIAN E JACQUEMIN, 2001 e BESTETTI, 2014). Portanto, necessita-se entender como ocorre a relação entre os idosos, moradores das ILPI's, e o ambiente em que vivem, e de que forma este ambiente pode contribuir para seu bem-estar. Neste artigo, buscou-se compreender o que desejam os idosos institucionalizados a respeito de sua moradia, a partir da percepção de três grupos de usuários na cidade de Pelotas, do estado do Rio Grande Sul, Brasil: ILPI de baixa, média e alta renda.

Este trabalho tem apoio nos conceitos derivados das teorias da Gerontologia Ambiental, incorporando ferramentas das áreas das Relações Ambiente- Comportamento e Gerontologia (MACHADO, 2018).

O Modelo Ecológico ou Pressão-Competência (LAWTON & NAHEMOW, 1973), por ser o modelo pioneiro, constitui-se numa das referências mais importantes para outros estudos da Gerontologia Ambiental.



Este modelo apresenta o conceito de competência, o qual relaciona o reflexo da capacidade funcional do indivíduo em sua saúde biológica e o conceito pressão ambiental às demandas do ambiente sobre o indivíduo, sejam elas físicas, sociais ou interpessoais (BATISTONI, 2014). Esse paradigma, em linhas gerais, relaciona a redução da competência das pessoas durante o processo de envelhecimento com o aumento da pressão que o ambiente exerce sobre o seu comportamento (TOMASINI, 2008).

O impacto do ambiente sobre o bem-estar e ajuste dos idosos é explicado no Modelo de Congruência de Kahana (1975). Baseia-se na congruência entre as características ambientais e as necessidades individuais, ou seja, propõe hipoteticamente que o comportamento é uma função da congruência (harmonia) entre as características pessoais e a capacidade do ambiente para supri-las (KAHANA, 1982 apud BATISTONI, 2014).

O Modelo Complementar de Congruência (CARP e CARP, 1984) incorpora as necessidades subjetivas dos indivíduos no bem-estar. Ele é dividido em duas partes e ambas tratam de aspectos físicos e subjetivos. No entanto, essas partes diferem-se pelo nível de necessidade e tipo de congruência entre o idoso e o ambiente (TOMASINI, 2008).

A primeira parte está ligada aos aspectos físicos e às necessidades de ordem básica ou de manutenção da vida, como alimentação por exemplo, em que a congruência está associada ao grau de complementariedade entre as competências pessoais e os recursos/barreiras do ambiente que impedem ou facilitam a satisfação da necessidade de sobrevivência, relevantes para o desempenho das atividades da vida diária. (CARP e CARP, 1984 apud TOMASINI, 2008; IZAL; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, 1990).

A segunda parte do modelo, ocupa-se das necessidades pessoais de ordem mais elevada e as características físicas do ambiente que podem impedir ou facilitar a satisfação destas necessidades. Aqui o conceito de congruência equivale à similaridade entre o grau de necessidade em relação a um fator ambiental e o suporte oferecido pelo ambiente. Dessa forma, as variáveis pessoa e ambiente não são nem positivas, nem negativas do ponto de vista adaptativo. Utilizando como exemplo o grau de privacidade, Carp e Carp (1984) afirmam que não é melhor, nem pior para uma pessoa ter maior ou menor necessidade de privacidade, ou para um ambiente proporcionar mais ou menos condições neste sentido. O melhor encaixe entre pessoa e ambiente se dá pela similaridade entre uma necessidade e o suporte oferecido pelo ambiente

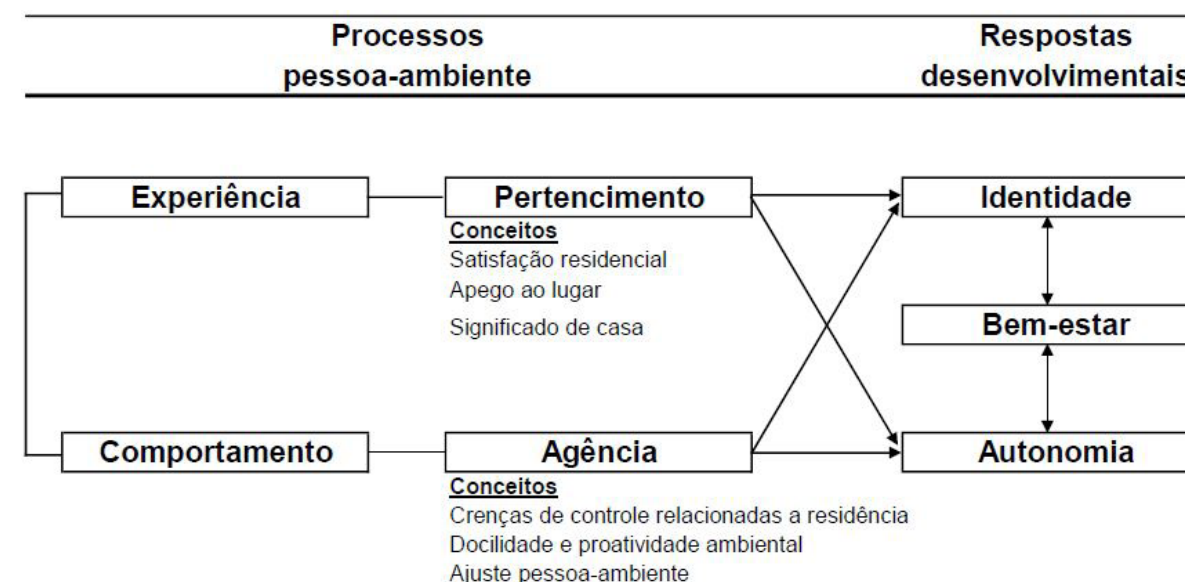


Figura 2 - Estrutura conceitual da relação pessoa-ambiente na velhice do Modelo Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes. Fonte: WAHL, OSWALD (2010) traduzido e adaptado por MACHADO (2018).

(CARP e CARP, 1984 apud TOMASINI, 2008; IZAL; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, 1990).

O último modelo estudado, o Modelo Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes (WAHL, OSWALD, 2010), foi o escolhido para a pesquisa porque além de destacar as necessidades subjetivas, leva em consideração a história de vida dos idosos. Ele relaciona o bem-estar na velhice a dois processos integrados: pertencimento e agência (Figura 2).

No centro dessa estrutura estão dois processos globais responsáveis pela criação das relações pessoa-ambiente na velhice: o primeiro cria sensação de pertencimento e é influenciado pela experiência; o segundo, denominado agência, é orientado pelo comportamento. O pertencimento reflete um sentimento positivo de ligação com outras pessoas e com o ambiente, enquanto a agência refere-se ao processo de se tornar um agente de mudança na própria vida, com comportamentos proativos (WAHL; IWARSSON; OSWALD, 2012).

A sensação de pertencimento envolve a avaliação cognitiva e emocional e a representação mental de ambientes físicos. Inclui a formação do apego a lugares ao longo do tempo, levando a padrões de significado de lugar. A sensação de pertencimento se desenvolve com base na orientação cognitiva do indivíduo em relação ao seu próprio passado, presente e futuro no ambiente (WAHL; OSWALD, 2010). Essa sensação pode ser estudada a partir do Significado de Casa, considerando aspectos físicos, sociais e pessoais.

O processo de agência inclui toda a gama de comportamentos dirigidos a metas relacionadas ao ambiente, como o processo de cognição e controle percebido sobre o ambiente físico (i) e manejo das demandas e pressões ambientais, chamado como "docilidade ambiental" (ii). O processo resulta ou não em proatividade, que inclui aspectos reativos e proativos de usar, compensar, adaptar, criar e manter locais, especialmente importantes na velhice devido à diminuição da capacidade funcional e cognitiva e ajuste (WAHL, OSWALD, 2010). O processo de agência pode ser estudado a partir da possibilidade de locomoção, modificação e atividades exercidas no local.

Metodologia

Desenvolveu-se uma pesquisa de campo exploratória, com estudo de caso descritivo,

múltiplo e abordagem metodológica qualitativa. Visando compreender se a condição socioeconômica do morador influencia na escolha de atributos que gerem bem-estar, optou-se por estabelecer, como objeto de estudo, três Instituições distintas, que atendiam pessoas de baixa, média e alta renda (ILPI 1, ILPI 2 e ILPI 3, respectivamente).

A escolha das três instituições teve o auxílio do Conselho de Idosos na cidade de Pelotas, usando uma lista das instituições cadastradas e a posterior concordância delas em participar na pesquisa. A partir dos dados fornecidos, foram escolhidas as três instituições que representavam cada uma das faixas de renda. A ILPI de baixa renda foi escolhida por ser a única pública na cidade, mantida pela Prefeitura Municipal. A ILPI de média renda foi selecionada por haver um critério ao receber os idosos, apenas aqueles indivíduos que recebiam até um salário mínimo podiam ser acolhidos. Quanto a ILPI de alta renda, existiam duas na cidade na época da pesquisa, e a instituição escolhida foi a que aceitou participar.

Para coleta de dados realizaram-se observações comportamentais e entrevistas semiestruturadas. As observações comportamentais foram efetuadas durante seis meses, em visitas programadas, semanais, no período da tarde. A escolha deste turno se deu por orientação dos responsáveis, já que no turno da manhã os idosos têm sua rotina de higiene. Nas visitas às instituições, observaram-se as rotinas de funcionamento e a forma como os ambientes eram utilizados pelos residentes. A partir dessas observações, definiu-se o critério de escolha dos ambientes focos do estudo: sala de estar, por favorecer a socialização e o dormitório por ser o ambiente em que o idoso tem maior privacidade. O registro dessas atividades foi realizado com anotações e fotografias. Na investigação dos processos de agência e de pertencimento, foi entrevistado um grupo de 15 idosos lúcidos, institucionalizados, composto por homens e mulheres e com faixa etária de 60 a 90 anos (Figura 3), utilizando um roteiro semiestruturado.

O grupo de idosos foi escolhido a partir do auxílio dos responsáveis pela instituição. Dentre os idosos lúcidos, foram entrevistados todos os que aceitaram participar da pesquisa, os quais totalizaram dois indivíduos na ILPI 1, nove na ILPI2 e quatro na ILPI 3.

Instituições estudadas	ILPI 1			ILPI 2						ILPI 3					
Gênero	M	M	F	F	F	M	M	M	F	M	F	F	F	F	
Idade	74	63	73	64	75	73	73	78	66	89	75	84	70	91	92

O processo de agência foi verificado com base no uso e comportamento dos idosos nos ambientes, considerando a possibilidade de locomoção, mudanças e atividades exercidas. Para o processo de pertencimento investigou-se os elementos e atributos presentes no ambiente, nas categorias que compõem o Significado de Casa: aspectos físicos, sociais e pessoais.

A entrevista foi organizada em quatro conjuntos de questões que trataram: 1) do ambiente geral da instituição; 2) e 3) dos ambientes específicos do estudo, dormitório e sala de estar; 4) das atividades exercidas nos ambientes.

O método visual foi introduzido para obter informações sobre a percepção dos idosos, que evidenciasse seus anseios e necessidades e indicasse o que é possível mudar e/ou melhorar nos ambientes, já que a bibliografia aponta dificuldade desta faixa etária em expressar desejos quanto ao futuro e também o conformismo com a situação atual (SOBRAL, PAIVA, VILLAROUCO, 2016; SOBRAL et al., 2015). O material visual consiste em um conjunto de imagens fotográficas de móveis para dormitório, amostras de revestimentos e paleta de cores.

Figura 3 - Registro da amostra dos entrevistados nos três ILPIs conforme gênero e idade. Fonte: MACHADO (2018).



Figura 4 - Imagem de um quarto, com mobiliário geralmente utilizado em dormitórios institucionais. Fonte: MACHADO (2018). Figura 5 - Imagens do mobiliário apresentadas aos idosos: a) opções de roupeiro; b) opções de poltronas; c) opções de poltronas; d) opções de camas. Fonte: GOOGLE, 2016.

Figura 6 - Imagens dos três tipos de revestimentos apresentados: a) impermeável; b) couro sintético e c) veludo. Fonte: MACHADO (2018).



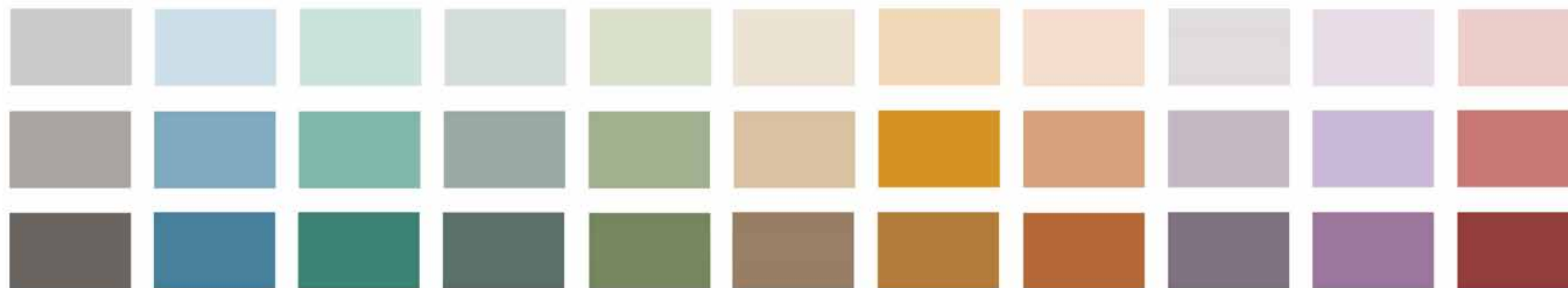
As imagens foram relacionadas aos ambientes estudados. Para o dormitório, foram selecionadas fotos com diferentes tipos de mobiliário, com distintos acabamentos e a paleta de cores. Para a sala de estar, foram selecionadas amostras de tecidos para revestimento de estofados e a paleta de cores.

O critério da escolha das imagens e revestimentos foi a observação do tipo de mobiliário encontrado em dormitórios e salas de estar de instituições e a experiência profissional da pesquisadora em atendimento ao público idoso referente à escolha de mobiliário residencial. Como exemplo, utilizou-se a imagem de um dormitório padrão, geralmente composto por cama de solteiro, criado mudo, roupeiro pequeno e poltrona (Figura 4). Essa imagem foi apresentada aos idosos para justificar os itens que foram mostrados na sequência. De acordo com essa imagem, foram selecionadas fotos reais de móveis, segundo os materiais utilizados (madeira, metal e estofamento) e o estilo formal (Figura 5).

Os móveis mais representativos na sala de estar em instituições são sofás e poltronas. Portanto, foram escolhidas três amostras de tecidos para revestimentos caracterizadas por diferentes texturas, o veludo (de textura mais aveludada), um impermeável (de textura mais áspera) e um couro sintético (de textura mais fria), todos em cores neutras (Figura 6). Os idosos eram convidados a tocar nestes revestimentos.

A seleção da paleta de cores foi condicionada à faixa etária de participantes da pesquisa e ao local de aplicação. Quanto à faixa etária, considerou-se que, no processo de envelhecimento, a percepção da cor pode ser alterada, pois um dos órgãos mais afetados é o responsável pela visão, especialmente por estar exposto a ações externas e internas, como poeira, luz, doenças, entre outros, ao longo dos anos (MENDES, 2008). Diante disso, as imagens foram impressas em tamanhos grandes, formando um conjunto de cores abrangendo diferentes matizes com claridade e saturação variadas

Figura 7 - Paleta cores apresentada para idosos. Fonte: MACHADO (2018).



escolhidos a partir do sistema cromático internacional Natural Color System (NCS). A seleção resultou na paleta cromática que se verifica abaixo na Figura 7.

Quanto ao local de aplicação, considerou-se adequado perguntar sobre as paredes internas da instituição, pois é a partir delas que geralmente se mudam as cores. É nas paredes também que se encontram as aberturas com cortinas, quadros e outros elementos que compõem a ambiência. Esses elementos, por serem percebidas no fundo das paredes, podem ser destacados e transformados a partir da mudança das cores.

Resultados e discussão

Os resultados são apresentados de acordo com os conceitos discutidos nesta investigação, com foco em aspectos subjetivos do ambiente e processos de Pertencimento e Agência.

Características do ambiente e o bem-estar

Nas três instituições analisadas, a escolha tanto dos móveis para cama, quanto do criado mudo e roupeiro, evidenciou a preferência dos entrevistados por madeira em relação ao metal, um material mais aconchegante e menos frio. Em relação à escolha da poltrona, não houve distinção significativa entre as diferentes ILPI's. A maioria preferiu o modelo todo estofado, pelo conforto proporcionado pelo revestimento, braços e altura do encosto. As escolhas dos móveis nas três instituições são apontadas na Figura 8.

Verificou-se que as características dos ambientes, a partir dos seus elementos e atributos tanto nos relatos das entrevistas quanto no resultado do método visual, produzem estímulos capazes de trazer as mais diversas sensações. Ao utilizá-las de forma adequada, considerando as preferências dos idosos, notou-se que esses estímulos podem influenciar de forma positiva na sensação de bem-estar. As entrevistas semiestruturadas revelaram algumas dessas características do ambiente geral: (i) o local mais agradável geralmente é o preferido; (ii) o local mais desagradável, na maior parte dos casos, está ligado à convivência com idosos com comprometimento cognitivo; (iii) os idosos, em sua maioria, consideram os móveis atuais confortáveis e gostam de suas camas; (iv) os idosos avaliam adequada a iluminação natural existente na instituição.

Na amostra dos tecidos para estofados da sala de estar, entre as três opções

Instituições estudadas	ILPI 1		ILPI 2								ILPI 3																	
	Sexo	Idade	Sexo	Idade	Sexo	Idade	Sexo	Idade	Sexo	Idade	Sexo	Idade	Sexo	Idade														
	M	74	F	73	F	64	F	75	M	73	M	78	F	66	M	89	F	75	F	84	F	70	F	91	F	92		
QUARTO	Cama																											
	Criado Mudo																											
	Roupeiro																											
	Poltrona																											

Tabela de Preferência de Cores															
	ILPI 1		ILPI 2								ILPI 3				
IDOSO	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Cor para quarto				x											
Cor para sala				x	x		x								

apresentadas (couro sintético, impermeável à base de algodão e camurça sintética), a maioria, nas três ILPI's, preferiu o sintético pela facilidade de manutenção. Alguns demonstraram preocupação com a higiene, referindo-se ao escape de urina, comum em idosos. Embora tenham escolhido os revestimentos por ordem de preferência, complementaram suas falas com expressões como “mas aqui não pode...”.

Quanto à escolha do tipo de mobiliário e de materiais com diferentes texturas para revestimentos, os entrevistados nas três instituições tiveram preferências similares. Pode-se concluir que a escolha está mais relacionada com a faixa etária e com a preocupação com a higiene, do que com a condição socioeconômica.

Personalização e a sensação de pertencimento

A maioria dos idosos evidenciou a vontade de que as paredes do quarto e da sala fossem pintadas com cores, embora alguns tenham optado por não fazer escolha nenhuma – um não optou por nenhum ambiente e outros escolheram somente para o dormitório. Pelo relato abaixo de um dos idosos entrevistados, pode-se perceber como a cor nas paredes é um recurso importante para o bem-estar na moradia.

“olha se fosse do meu gosto, se eu pudesse opinar pra realmente dar vida aqui... Essa cor aqui não traz vida [referindo-se ao cinza existente]. Principalmente pra quem está em busca né de, tá em busca de uma harmonia com a vida... Tudo isso é necessário dentro de um projeto, tudo isso é necessário, dentro de um projeto pra uma determinada classe de pessoas. Tudo isso é necessário... Se fosse

uma casa assim pra uma... pra adolescente, vamos dizer assim, não teria grandes influências essas cores, porque eles já têm dentro deles né, um desabrochar pra vida, eles estão desabrochando alegria, felicidade com qualquer coisa eles ficam, eles se completam. Agora o ser que já está nesta idade, ele já está na decadência, muitas coisas ele já nem lembra, mas ele enxerga e no ele enxergar ele tem que se maravilhar com aquela cor viva. Então eu não sei, tô lhe explicando isso. É assim que eu penso. Dar vida pra essas pessoas que já estão murchando” (E_M_2, 63 anos).

Ao selecionar as cores específicas para dormitório e sala, as preferências concentraram-se nos matizes menos saturados, em tons de bege, azul e verde, tanto para sala, quanto para o dormitório (Tabela 1). Percebe-se que, na ILPI 1, a preferência dos entrevistados foi por tons mais saturados, divididos entre os azuis e os verdes, tipicamente masculinas (CARTER, 2005). Na ILPI 2, as escolhas variaram, tendo tanto tons mais saturados quanto menos saturados e tendência para selecionar cores de tonalidades mais quentes (avermelhadas e amareladas). Na ILPI 3, houve preferência nas tonalidades menos saturados e claros e, em termos de matiz, variando entre azuis, verdes e beges.

Embora a amostra seja pequena, observou-se uma tendência a cores mais saturadas na ILPI 1, uma escolha mais diversificada na ILPI 2 e uma tendência a escolhas por cores mais claras e menos saturadas na ILPI 3.

Ao investigar a sensação de pertencimento, a partir da personalização do ambiente, detectou-se que, ao falarem dos objetos decorativos, vieram à tona lembranças da sua antiga residência, mencionando móveis e cores que lá existiam. Foi verificado ainda que, ao abordar questões estéticas, a fala dos idosos voltava-se para aspectos mais relacionadas ao cuidado no que se refere às necessidades fisiológicas e de segurança, como se não tivessem direito a ambientes mais qualificados em termos estéticos. Por sua vez, pode ser constatado que a possibilidade de personalização se dá no microterritório, ou seja, na área contemplada pela cama de cada um.

A partir da descrição dos entrevistados sobre seu local de moradia, verificou-se que a sensação de pertencimento é praticamente inexistente, pois a maioria atribuiu o significado de lar à sua antiga residência. Referiram-se ao seu atual local usando termos como pensionato, asilo, etc. A instituição não produziu a sensação de “estar no lugar”, não proporcionou o sentimento de confiança ambiental, identificação e, portanto, não gerou a necessidade de investimento emocional.

Alguns relatos dos idosos reforçam essa percepção: “A casa é linda, é antiga. Mas sinto muita falta da minha casa, estou custando a desapegar do meu apartamento, mais psicológico, afeto. Porque a casa da gente, é a casa da gente”; “Moro em uma clínica, mas como pode tirar nome de asilo (?), digo que moro no asilo”.

Características físicas e autonomia

Quanto à autonomia para locomoção: ILPI 1, com edificação térrea, os dois idosos entrevistados relataram que se locomoviam com facilidade; ILPI 2, cuja edificação também é térrea, apenas um dos nove relatou precisar de ajuda por ser cadeirante; ILPI 3, composta por dois pavimentos, das quatro idosas, duas relataram precisar de ajuda para se locomover.

Detecta-se facilmente durante as entrevistas, especialmente nas questões referentes ao desejo de modificações e satisfação com os espaços, relatos indicando conformismo

com a situação atual. Essa tendência pode ser ratificada em expressões como “está bom assim”, “não traria nenhum móvel ou objeto, aqui não tem espaço” ou, ainda, “não modificaria nada, aqui não pode”. Mesmo na ILPI de alto padrão, que possui alguns idosos acomodados em dormitórios individuais e que podem levar algum mobiliário, o conformismo manifestava-se em expressões como “eu gosto dessa cor que a doutora escolheu” ou “eu gostava da cortina anterior, mas a doutora disse que não combinava e retirou”.

Esses resultados corroboram com os relatos de outras pesquisas, tais como o de Milaneze (2013) com idosos institucionalizados em Criciúma/SC, em que a autora relatou a pouca variedade nas respostas e pouca explanação delas. Nos estudos de Sobral, Paiva, Villarouco, (2016) e Sobral et al., (2015) que foram realizados em João Pessoa/PB e na cidade de Recife/PE, também foi detectada dificuldade de expressão dos desejos e anseios dos usuários idosos quanto aos espaços. Os autores atribuíram isso ao conformismo devido ao avanço da idade e da falta de perspectiva de futuro que os idosos possuem.

Quanto às atividades exercidas, nas três Instituições foram listadas fazer tricô, ler livros e revistas, assistir televisão e conversar. Embora não relatada pelos idosos, foi identificada, durante as visitas às instituições, a atividade de contemplação, como ficar nos jardins e varandas observando o movimento interno e/ou externo da edificação. O desejo por mais atividades dentro das instituições apareceu em alguns discursos como por exemplo “a mente parada não cria nada, teria que ter ferramentas, tinta, espátula”.

Apesar do desejo de conversar, destaca-se nos relatos da maioria dos idosos, muita dificuldade de permanecer nos locais de socialização, como a sala de estar por exemplo, pela dificuldade de interação com idosos com comprometimento cognitivo. Em consequência, muitos idosos isolam-se em seus quartos durante boa parte do tempo.

Sobre o ambiente preferido, indicaram o próprio dormitório, ao invés da sala de estar, pela dificuldade relatada acima. Identificou-se que o tratamento igualitário e simultâneo para todos os residentes (política congregadora das instituições) provocou o abandono de ambientes propícios à socialização, como a sala de estar. Constatou-se também o potencial restaurador de ambientes com caráter transitório, entre a área externa e área interna, como as varandas.

Da mesma forma, foi evidenciado que o processo de agência está ligado à localização da instituição dentro do contexto urbano, esclarecido a partir dos relatos dos idosos com relação a autonomia para sair da instituição.

Conclusões

Para uma grande parcela de idosos a ILPI é a única alternativa de moradia. Entretanto, percebe-se que existe um espaço grande para melhorias, respeitando os desejos dos usuários. Espaços abertos como jardins e hortas, poderiam incluir a participação dos usuários tanto na implementação quanto na manutenção. E nos espaços internos, na definição do uso de cores e móveis adequados.

A partir dos resultados da pesquisa, foi possível compreender que os desejos dos idosos, os quais se apresentam muitas vezes ocultos ou sufocados, de auxiliar na definição de aspectos relevantes da moradia, ocorre em todos os tipos de ILPI. Um certo nível de conformismo também. Neste sentido, o processo de agência, que por definição está ligado a autonomia, a ser agente de mudanças não somente ligados

a questões físicas, mas à tomada de decisões, não ocorre de maneira satisfatória, interferindo de maneira negativa no bem-estar dos moradores das instituições.

Observaram-se ainda as diferenças de percepção entre idosos institucionalizados de diferentes condições sociais. Pode-se verificar que, embora o conformismo tenha sido percebido nos três grupos estudados, o grupo da ILPI 3, particular que atende idosos de alta renda, foi mais expressivo nos seus desejos de modificar o ambiente, de trazer sua própria mobília e objetos pessoais em comparação às outras duas instituições. Na ILPI 2, particular que hospeda idosos que ganham até um salário mínimo, pode-se verificar também que os idosos que demonstraram maior desejo de trazer móveis e objetos pessoais, eram os que optaram pela moradia institucional. Na ILPI 1, esse desejo fica mais comprometido pois a maioria dos residentes, especificamente dos dois entrevistados, encontram-se em situação de vulnerabilidade social (moravam nas ruas, muitas vezes sem possuir a própria documentação).

Instituições que desejem elevar sensação de pertencimento e estimular o processo de agência, visando o bem estar dos moradores, devem considerar tantos os aspectos físicos quanto os subjetivos.

As discussões geradas identificaram outras possibilidades de enfoque, abrindo espaço para novas pesquisas e projetos:

- Aprofundar os impactos causados pela transição de lugar no bem-estar;

- Questionar sobre a eficiência do modelo atual de ILPI's. Por se tratar de uma demanda crescente e com perspectivas reais de mudanças significativas na sociedade;

- Estimular procedimentos para obter maior variedade de dados. O suporte dos materiais visuais mostrou-se uma importante ferramenta em trabalhos com idosos institucionalizados associados aos métodos tradicionais. Entretanto, dada a grande possibilidade de que os métodos influenciem demasiadamente os resultados, pesquisas adicionais poderão aperfeiçoar os métodos de investigação nesta faixa etária.

A pesquisa reforça a importância de considerar os aspectos subjetivos em projetos de habitações para idosos, especialmente em Instituições de Longa Permanência. Espera-se que, com o entrelaçamento entre arquitetura e saúde, este trabalho contribua com a temática proposta, no sentido de discutir de que modo os aspectos físico-funcionais, estéticos e psicológicos colaboram na promoção de um bom envelhecimento, contemplando as diferentes necessidades dos idosos. E que possa assim, auxiliar na elaboração de projetos para ambientes mais adequados e congruentes com as necessidades dos usuários idosos.

Referências

ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. *Resolução da diretoria colegiada – RDC nº 283, de 26 de setembro de 2005*. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/legislacao/?inheritRedirect=true#/visualizar/27647>. Acessado em 20 outubro. 2018.

BATISTONI, S. S. T. *Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo*. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, p. 647–657, 2014.

BESTETTI, M. L. T. *Ambiência : espaço físico e comportamento*. Revista Brasileira de

Geriatria e Gerontologia, v. 17, n. 3, p. 10, 2014.

BRASIL. *Estatuto do Idoso*. Diário da República, 1a série - no 116, 2003. Disponível em: <https://dre.pt/application/file/67508032>.

CARP, F. M.; CARP A. *A complementary/congruence model of well-being or mental health for the community elderly*. In: Altman I, Lawton MP, Wohlwill JF, editors. Human behavior and environment: elderly people and the environment. New York: Plenum Press; 1984. p. 279-336.

CARTER, D. E. *The big book of color in design*. New York: Collins Design, 2005.

GAZZOLA, J. L. *O lugar do idoso numa sociedade "pós-moderna": algumas reflexões de corte interdisciplinar*. In: TERRA, N. L.; BÓS, A. J. G.; CASTILHOS, N. Temas sobre Envelhecimento Ativo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. 599 p.

IZAL, M.; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, R. *Modelos ambientales sobre la vejez*. *Anales de la psicología*. V. 6, n. 2, p. 181-198, 1990.

KAHANA, E. (1975). *A congruence model of person environment interaction*. En P.G. Windley, T. Byerts and E.G. Ernst (Eds.): Theoretical development in environments and aging. Washington, DC., Gerontological Society.

LAWTON, M. P.; NAHEMOW L. *Ecology and the aging process*. In: Eisdorder C, Lawton MP, editors. Psychology of adult development and aging. Washington: American Psychological Association; 1973. p. 657-668.

MACHADO, C. *Avaliação da percepção dos usuários institucionalizados e não institucionalizados sobre Instituições de Longa Permanência para Idosos na cidade de Pelotas / RS*. 2018. 204f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGUAU, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal de Pelotas.

MENDES, L. D'URSO DE S. *Análise ergonômica da situação dos idosos pedestres em relação à sinalização de Copacabana*. 2008. 236f. Tese (Doutorado em Design) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MILANEZE, G. L. S. *Contribuições para projetos de arquitetura das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), com base na análise de instituições em Criciúma*. 2013. 271f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina.

OLIVEIRA, E.; PASIAN, S. R.; JACQUEMIN, A. *A vivência afetiva em idosos*. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Acessado em: 5 ago. 2019. Online. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000100008.

OMS. *Relatório mundial de envelhecimento e saúde*. Organização Mundial de Saúde, 2015.

PERISSÉ, C; MARLI, M. *Idosos indicam caminho para uma melhor idade*. Revista Retratos, mar 2019. Acessado em 5 mai. 2020. Online. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade>.

SOBRAL, E. R. F. DE A. et al. *Discussão acerca da Percepção Ambiental, suas Ferramentas e Cognição*. 15o ERGODESIGN - Congresso Internacional de Ergonomia

e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia-Produto, Informações, Ambientes Construídos e Transporte. Anais. Recife: 2015.

SOBRAL, E. R. F. DE A.; PAIVA, M. M. B.; VILLAROUÇO, V. *Ambiente de idosos e a ferramenta do poema dos desejos*. XVI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído: Desafios e Perspectivas da Internacionalização da Construção. Anais. São Paulo: 2016.

TOMASINI, S. L. V. *Qualificação de Espaços Abertos em Instituições de Longa Permanência para Idosos*. 2008. 325f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

WAHL, H. W.; OSWALD, F. (2010). *Environmental perspectives on aging*. In D. Dannefer & C. Phillipson (Eds.), The SAGE handbook of social gerontology (pp. 111-124). London: Sage.

WAHL, H.-W.; IWARSSON, S.; OSWALD, F. *Aging well and the environment: toward an integrative model and research agenda for the future*. *Gerontologist*, v. 52, n. 3, p. 306-316, 2012.